

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**MÔNICA MESSIAS DA SILVA**

**INDÚSTRIA CULTURAL: SEUS PRODUTOS E A POSSÍVEL DOMINAÇÃO  
CONTEMPORÂNEA EXERCIDA NO JOVEM**

**CURITIBA**

**2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**MÔNICA MESSIAS DA SILVA**

**INDÚSTRIA CULTURAL: SEUS PRODUTOS E A POSSÍVEL DOMINAÇÃO  
CONTEMPORÂNEA EXERCIDA NO JOVEM**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Maurício Fernando Pitta

**CURITIBA**

**2018**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **INDÚSTRIA CULTURAL: SEUS PRODUTOS E A POSSÍVEL DOMINAÇÃO CONTEMPORÂNEA EXERCIDA NO JOVEM**

Por

**MÔNICA MESSIAS DA SILVA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação.

Orientador:

Maurício Fernando Pitta

CURITIBA, 23 de maio de 2018.

## **RESUMO**

Este trabalho busca analisar como podemos relacionar conceitos como estética, indústria cultural e cultura de massa com a arte e com o pensamento filosófico entre os estudantes do ensino médio a partir do referencial da teoria crítica. Posteriormente analisaremos a consolidação do projeto capitalista de industrialização da cultura através da televisão, como expressão máxima da reprodutibilidade, técnica e ideologia; a questão da internet e a explosão de imagens a que somos expostos, como produtos de consolidação da indústria cultural e como disseminadores de pensamento, instigador de consumo e influenciador social.

Palavra- Chave: Indústria cultural - Teoria crítica - Cultura de massa.

## **ABSTRACT**

This work seeks to analyze how we can relate concepts such as aesthetics, cultural industry and mass culture with art and philosophical thinking among high school students from the framework of critical theory. Later we will analyze the consolidation of the capitalist project of industrialization of culture through television, as a maximum expression of reproducibility, technique and ideology; the question of the internet and the explosion of images to which we are exposed, as products of consolidation of the cultural industry and as disseminators of thought, instigator of consumption and social influencer.

Keyword: Cultural industry - Critical theory - Mass culture.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>1. ASPECTOS TEÓRICOS DA INDÚSTRIA CULTURAL: TEORIA CRÍTICA</b> .....	8
1.1 A INDÚSTRIA CULTURAL E A RAZÃO INSTRUMENTAL.....	8
<b>2. A TELEVISÃO E A INTERNET COMO CONSOLIDAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL</b> ...	12
2.1 A TELEVISÃO COMO MEIO E SUA INFLUÊNCIA SOCIAL, IDEOLÓGICA E INSTIGADORA DE CONSUMO .....	12
2.2 INDÚSTRIA CULTURAL E AS INOVAÇÕES TRAZIDAS PELA INTERNET.....	13
<b>3. A INDÚSTRIA CULTURAL E A EDUCAÇÃO</b> .....	16
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	19
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	21

## INTRODUÇÃO

Quando pensamos a realidade escolar e social do estudante e a necessidade de conhecer e interpretar o mundo que o cerca, o tema da Indústria Cultural e seus produtos e da possível dominação exercida no jovem contemporâneo se apresenta como um objeto de estudo.

A indústria cultural investe em tecnologias para oferecer ao homem diversão e entretenimento em seu tempo livre. Ao se submeter a essa realidade alienante e adestradora, o indivíduo perde algumas possibilidades de ter experiências formativas. Entretanto, as tecnologias digitais construídas no contexto da sociedade de consumo, quanto transpostas para as experiências culturais e formativas, carregam consigo ambiguidades, e tanto podem estar a serviço da dominação como da emancipação dos indivíduos.

É nessa direção que a reflexão filosófica e suas particularidades podem auxiliar para compreender melhor o fenômeno da indústria cultural e suas múltiplas relações. Assim, recorreremos aos teóricos da Escola de Frankfurt, mas especificamente Adorno e Horkheimer, em sua obra “*A Dialética do Esclarecimento*” e Walter Benjamin, no ensaio “*A Reprodutibilidade técnica da obra de arte*”.

A notoriedade e a constante abordagem da influência da tecnologia no jovem de hoje faz com que eles sejam influenciados pelas novas tecnologias e pelo fetiche da mercadoria, ou seja, pelo universo do consumo e pelo consumo dos produtos culturais. Nesse contexto, televisão e a internet são alguns dos produtos da indústria cultural, e exercem grande influência sobre os jovens.

Otávio Ianni (2000) mostra que a mídia realiza as implicações da indústria cultural, combinando produção e reprodução cultural com produção e reprodução de capital, informando e formando a população. Ela contribui para formar a opinião pública e estabelecer um consenso democrático, exercendo assim, uma forma de autocontrole da sociedade.

Ianni (2000) aponta que a televisão não pode ser considerada apenas como uma observadora e repórter de eventos, pois ela se encontra dentro destes eventos, sendo parte daquela realidade. Ele define a televisão como:

Um meio de comunicação, informação e propaganda presente e ativo no cotidiano de uns e outros, indivíduos e coletividades, em todo mundo. Registra e interpreta, seleciona e enfatiza, esquece e sataniza o que poderia ser a realidade e o imaginário. Muitas vezes transforma realidade, seja em algo encantado, seja em algo escatológico, em geral virtualizando a realidade em tal escala que o real aparece como forma espúria do virtual.” (IANNI, 2000: p.150).

A internet, por sua vez, assume no mundo atual, um papel monopolizador do tempo livre e conseqüentemente da produção e fruição da cultura. Na escola é perceptível como os estudantes estão imersos na cibercultura, consumindo sempre produtos tecnológicos da indústria cultural.

Então, é relevante repensar a educação atual baseada nos valores e nos princípios pautados pelos filósofos frankfurtianos, para criar temas e estratégias de ensino que incentivam a reflexão crítica, necessária para exercício da cidadania.

## 1. ASPECTOS TEÓRICOS DA INDÚSTRIA CULTURAL: TEORIA CRÍTICA

A teoria crítica foi inaugurada pela Escola de Frankfurt em 1925, representada por Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin.

A Escola de Frankfurt nasceu em 1923 e baseia-se na concepção hegeliano-marxista, bem como está fortalecida pelas contribuições da Psicanálise de Freud com o objetivo da formação da teoria crítica. O idealismo alemão, sobretudo em Hegel e o materialismo dialético de Marx contribuíram para o surgimento da Escola de Frankfurt.

Na história do ocidente, através da razão, o humano teve como guia, o pensamento racional como forma de buscar o objetivo de esclarecer sua analogia mediante a natureza desconhecida.

Assim, Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) apresentam a teoria crítica como ferramenta que analisa os problemas sociais evidenciados pela cultura de massa, o papel da ciência e da técnica, os sentidos implícitos na modernização dos meios de comunicação, dentre eles, a escola, a educação, as teorias, os métodos e a formação e a deformação da consciência crítica na sociedade.

Dentro da Escola de Frankfurt, Adorno analisa enfaticamente o processo formativo para demonstrar a crise social que a sociedade moderna vive. Assim, se a sociedade modernizar-se, exaurindo-se da visão crítica, então ela se permite alienar e, portanto entra em uma crise não só social (a busca pelo ter), mas em uma crise de formação (deixar de ser).

### 1.1 A INDÚSTRIA CULTURAL E A RAZÃO INSTRUMENTAL

Adorno e Horkheimer (1985), na *“Dialética do Esclarecimento”* analisam e questionam o desenvolvimento da sociedade ocidental, tendo como objetivo estender a sua dialética aos conceitos de libertação e iluminação dos quais sempre propagaram os pensadores iluministas, com o conceito de dominação. Assim, o uso destas análises na realidade da sociedade atual mostra que o consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer. Ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p\_93).



Adorno e Horkheimer (1985) analisaram o desenvolvimento do Esclarecimento da sociedade ocidental desde os seus primórdios até o ápice do Iluminismo, criticaram a razão instrumental, a civilização técnica e a lógica cultural do sistema capitalista pela criação de uma sociedade de mercado baseada no progresso técnico.

Os filósofos almejavam chegar à gênese da razão tecnificada, para mostrar que o desenvolvimento da modernidade foi marcada por um processo permanente de instrumentalização da razão; tais análises podem nos ajudar a pensar desafios postos à formação cultural gerada pelos aparatos tecnológicos, cada vez mais sofisticados e marcantes na sociedade atual e na educação, cuja técnica é representada por novas tecnologias e promessas otimistas almejando possíveis benefícios para a sociedade e para a educação.

A naturalização dos homens hoje não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. [...] mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985)

Essa crise da razão é que Adorno e Horkheimer vão chamar de Razão Instrumental. Em filosofia não é difícil lembrar o famoso texto do grande filósofo moderno Kant *“Resposta à questão – o que é Esclarecimento?”*.

Quando logo no início do texto Kant define Esclarecimento dizendo:

Esclarecimento é à saída do homem da menoridade pela qual é o próprio culpado. Menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado por esta incapacidade, quando sua causa reside na falta, não de entendimento, mas de resolução e coragem de fazer uso dele sem a direção de outra pessoa. Sapere aude! Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! Eis o lema do Esclarecimento. (Kant, 2009, p\_407)

Quando pensamos o conceito da razão no pensamento moderno ou na chamada razão iluminista podemos afirmar que o desenvolvimento racional não

trouxe um homem emancipado. O conceito de esclarecimento fica claro na citação acima. Um homem capaz de ser senhor de si e dominador dessa razão como algo emancipatório. Eis onde reside a crítica de Adorno e Horkheimer de que o desenvolvimento da racionalidade não levou o homem a uma emancipação, mas sim a uma alienação e massificação, e afirmam que a indústria cultural mostra a regressão do Esclarecimento. A razão instrumental agora é desenvolvida a serviço de interesses liberais e mercadológicos, como o próprio conceito diz: "instrumentalizar a dominação".

Nessa nova perspectiva de pensar a razão, o entendimento surge em outro contexto como afirmam os filósofos Adorno e Horkheimer:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

É nesse contexto que podemos falar de uma razão instrumental, instrumentalização essa que não tem como objetivo a libertação do homem do jugo da alienação e da ignorância, mas sim de produzir mercadorias de massa que para sua melhor penetração e eficiência em que é necessário cada vez mais uma massa homogeneizada tanto nos padrões de consumo quanto nas formulações dos pensamentos.

Para Adorno e Horkheimer (1985), a industrialização da razão pela ciência tornou os indivíduos menos reflexivos porque o "pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo". A tecnologia, antes representada pelas máquinas, foi denunciada como resultado da razão instrumental. Administrados pela racionalidade tecnológica, os indivíduos perdem suas autonomias, ficando cada vez mais vulneráveis as exigências do mercado.

Para Marcuse (1999), a tecnologia, como a totalidade dos instrumentos que caracterizam a era da máquina, é ao mesmo tempo uma forma de organizar e perpetuar as relações sociais, manifestando o pensamento e

padrões do comportamento dominante, ou seja, um instrumento de controle e dominação.

Essa particularidade da tecnologia afeta os indivíduos na medida em que estes passam a usa-la, mecanicamente, e sem limites, passando por cima dos valores e afetando a racionalidade daqueles a quem servem.

Para neutralizar os efeitos regressivos causados pela tecnologização, deve-se usar grande parte do potencial tecnológico a serviço da emancipação, facilitando o desenvolvimento humano nos ramos do trabalho e da educação, criando novas formas de individualização, preparando o sujeito para o enfrentamento da realidade, com autonomia e consciência crítica. A tecnologia deve, nesse sentido, ser utilizada como um meio e nunca como um fim.

Na atualidade, a tecnologia avança com força e rapidez, numa proporção impensável pelos filósofos frankfurtianos; abrange parte considerável da sociedade, estando presente nos lares e nas tradicionais instituições, como as escolas. Sendo, portanto, fundamental fazer a crítica à tecnologia atual, amparada pela crítica dos frankfurtianos.

## **2. A TELEVISÃO E A INTERNET COMO CONSOLIDAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL**

O desenvolvimento da cultura de massa tem uma forte relação com o próprio surgimento da modernidade. No caso dos meios de comunicação de massa, esses estão relacionados com a imprensa escrita, o rádio, à televisão e a internet. De forma geral, o termo massa está vinculado a multidões padronizadas e homogêneas.

Mas os veículos de comunicação de massa, enquanto elemento pertencente à indústria cultural, também mantém relações muito próximas com a vida política, o desenvolvimento cultural, questões ideológicas e econômicas.

Adorno e Horkheimer, em sua obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), demonstra o caráter controlador e mercantil da arte através de uma lógica que tem como intuito padronizar os indivíduos, gerando lucro para os grandes detentores econômicos e determinar uma série de padrões comportamentais estabelecidos através do terreno da técnica, ideologia e da lógica mercadológica que conquista o poder sobre a sociedade, gerando necessidades nos seus consumidores que aceitam essa forma de dominação sem maior resistência.

A reprodutibilidade técnica, por sua vez, encontrou sua consolidação na indústria cultural através de uma economia baseada em consumo de bens, produzidos em larga escala e que foram se tornando cada vez mais acessível para o grande público.

Como resultado, a arte foi perdendo o seu caráter de autenticidade e conforme Benjamin afirmou: “O que caracteriza a autenticidade de uma coisa é tudo aquilo que ela contém originalmente transmissível, desde sua duração material até seu poder de testemunho histórico” (BENJAMIN, 1994 p.8). A multiplicação das cópias advindas da técnica faz com que o evento produzido uma única vez se transforme em um fenômeno de massas. Todos esses elementos produzem uma grande transformação na realidade transmitida, pois causa abalo na tradição e está diretamente vinculado aos movimentos de massa.

### **2.1 A TELEVISÃO COMO MEIO E SUA INFLUÊNCIA SOCIAL, IDEOLÓGICA E INSTIGADORA DE CONSUMO.**

A televisão é um meio de comunicação em massa que reúne características diversas. Se para o consumidor a televisão é apenas mais um eletrodoméstico, para o produtor do conteúdo representa um centro de poder econômico, de controle político, social e cultural (CHAUÍ, 2006).

Além de fonte inesgotável de informação, a televisão, utiliza-se de uma linguagem simples, que pode ser entendida de qualquer meio. Qualquer pessoa consegue entender a signagem da televisão quase em sua totalidade, embora cada indivíduo possa entendê-la de modo diferente. Audiências diferentes podem extrair tipos diferentes de sentidos da televisão, mas “esse sentido está limitado pela definição social de gêneros” (CASHMORE, 1998, p.61).

A televisão vista antes apenas como simples veiculador de mensagens, tornou-se forte disseminadora de cultura, ideologia e de consumo e um objeto influente no meio social ao longo de sua trajetória. Na medida em que a televisão se desenvolveu, o público cresceu junto com ela, agregando valores televisivos ao meio social. A TV moldou hábitos, criou linguagens, instigou o consumo, ditou moda e desenvolveu uma cultura que é recebida e disseminada por seus telespectadores dia-a-dia. A TV é facilmente entendível, por isso tem grande influência nos indivíduos telespectadores que, até mesmo sem perceber, incorporam características em seu meio.

A televisão, além de ser uma forte influenciadora social, se transforma também em uma arma para a divulgação de uma marca ou ideologia. O telespectador constrói uma imagem através da TV. A cultura televisiva molda os pensamentos dos indivíduos em sociedade sem uma autonomia ou grau de influência definido, “ainda assim não há como negar que, sofisticados ou não, somos influenciados pela TV, não tanto no modo como pensamos, mas naquilo sobre o que pensamos” (CASHMORE, 1998, p.54)

No entanto, a televisão conseguiu um lugar de destaque entre os demais meios de comunicação, sendo referenciado como um disseminador de pensamento, instigador de consumo e um influenciador social.

## 2.2 A INDÚSTRIA CULTURAL E AS INOVAÇÕES TRAZIDAS PELA INTERNET.

A internet e suas possibilidades ampliaram o mundo, o que inicialmente coexistia apenas no plano virtual, hoje pode ser considerado quase um agente social, uma vez que esse ente passa a fazer parte das relações sociais e culturais.

As novas tecnologias afetam a interação do consumidor com o produto, alterando a forma substancial alguns pilares da indústria cultural. Novas formas de produzir e veicular conteúdos convidam os usuários a agirem ativamente e individualmente.

Pensada inicialmente como um espaço democrático, a rede, a partir dos anos 80, começou a ser explorada por negociantes que viram nela um espaço para transações econômicas e publicidade (LEVY, 1999). É possível observar que as relações entre a internet e a indústria cultural fortalecem alguns aspectos do esquema descrito e analisado por Adorno e Horkheimer (1985).

A rigor todo produto da indústria cultural é o mesmo, no sentido de que o que importa é que todos devam continuar sendo consumidos para reproduzir os mesmos padrões de subjetividades. É o esquema da indústria cultural que continua produzindo conteúdos e subjetividades enquanto a internet é apenas mais um espaço em processo de dominação por essa lógica.

Dessa forma as relações de poder continuam camufladas numa falsa naturalidade da ordem estabelecida. A dominação da indústria cultural sobre a internet segue basicamente o mesmo esquema; “por muito prático que possa ser o acesso ao máximo de informação possível, igualmente rígida é a lei segundo a qual a informação nunca deve referir-se a nada de essencial, nem degenerar em reflexão (ADORNO, p. 82, 2003). A novidade é que há um oceano de informação crítica disponível na internet. O acesso a elas pode gerar reflexão, entretanto, essas informações ainda ameaçam pouco a estabilidade e o domínio da indústria cultural.

A música do jovem anônimo, o curta-metragem do vídeo maker ainda desconhecido em seu próprio bairro, o blog do jornalista independente, a conta do twitter do adolescente irreverente, são mercadorias em potencial da indústria cultural. Para fazer sucesso na indústria cultural e na internet há uma receita conhecida há muito tempo por todos, reproduzir tudo aquilo que já é consumido e que, portanto, já são facilmente assimilados pelas subjetividades condicionadas dos consumidores.

É nessa direção que o tema pode ser abordado a partir do campo da mídia-educação. Com isso, resistir é ensinar as pessoas a usar as tecnologias digitais de informação e comunicação, sobretudo a internet, de forma crítica e criativa (FANTIN, 2006) contra o esquema de dominação da indústria cultural. A ideologia do desenvolvimento tecnológico e capitalista é uma criação humana como outra qualquer e por esse motivo a transformação da realidade ainda é, e continuará sempre sendo uma potencia contra as ameaças desse pesadelo. “Está nas mãos das pessoas decidir se querem, ou não, extingui-los e acordar do pesadelo que ameaça converter-se em realidade se os seres humanos acreditarem nele” (ADORNO, p. 95, 2003).

### 3. A INDÚSTRIA CULTURAL E A EDUCAÇÃO

A Educação possui como objetivo desenvolver a consciência para que ela se torne emancipatória. Os frankfurtianos entenderam que a emancipação é necessária para a formação de sujeitos críticos que se apresentam diante da história, da cultura e da natureza.

Adorno na sua obra “*Educação e emancipação*” (1995) afirma que “a educação tem sido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica”, voltada para a construção da consciência emancipatória do sujeito para a construção das identidades sociais. Em seu caráter filosófico, a educação pertence à transformação do saber, compreendida por Adorno pela dialética do esclarecimento como um fator fundamental para a efetivação da consciência no mundo, pois, o controle e a manipulação impedem o homem de pensar, tornando-o, assim, alvo de uma massificação contínua do ter sobre o ser.

A Educação, na visão de Adorno, deve proporcionar uma reflexão crítica diante da realidade histórica e social, envolvendo a relação do homem com a natureza. Entende-se, desse modo, que os saberes educativos e culturais devem ser vistos na condição que envolve educador e educação na busca pela emancipação pelo saber.

O fator de educação não pode mais ser compreendido apenas como um pressuposto determinado pela ciência ou pela tecnologia, mas deve ser pensado de uma forma emancipatória, humanizada em que as relações coletivas passam a compor um processo de instrumento crítico diante da sociedade.

No cotidiano escolar, percebe-se que as crianças e adolescentes são decorados pelo princípio de adaptação gerado pela indústria cultural e divulgado pelos meios de comunicação de massas. Amparados pelos pais, eles também se tornam grandes consumidores dos produtos culturais e de outros bens. Logrados pela indústria cultural, encaixam-se em seus padrões. Por exemplo, quando um professor propõe uma atividade cultural envolvendo músicas que fogem do padrão mercadológico, eles rejeitam e impõem resistência, prejudicando a atividade e fazendo com que os professores se desdobrem para alcançar seu objetivo.



Os celulares e outros aparelhos eletrônicos das mais diversas funções também estão presentes na sala de aula, mesmo sendo proibidos. São, hoje, os motivos de terror dos professores, que precisam disputar, com eles, a atenção, e, muitas vezes, não conseguem, pois são usados de diversas formas, como um minicomputador que recebe e manda mensagens via torpedos, filma, fotografa, reproduz jogos, músicas e vídeos. Tornaram-se jovens consumistas, fruto do capitalismo e da indústria cultural.

As características dessa geração tecnológica devem ser levadas em consideração ao se pensar em estratégias que possam facilitar a formação. Toda essa tecnologia na qual os alunos estão envolvidos pode ser usada a favor da educação. A tecnologia facilita a transmissão de conhecimentos, o compartilhamento de arquivos, músicas, fotos, filmes, potencializando a comunicação e ajudando a difundir a cultura. Nesse sentido, os alunos precisam adquirir habilidades que permitam o controle da tecnologia e seus efeitos, pois os aparatos tecnológicos se tornam empecilhos para a formação na medida em que submetem os indivíduos as diversas formas de dominação, não colaborando, portanto, para a sua emancipação. Adorno critica a sociedade tecnológica que treina os indivíduos afinados com a tecnologia em perfeita consonância com o mercado de trabalho.

Com a universalização da indústria cultural e a contradição entre formação cultural e sociedade de consumo, cria-se a semiformação. Para Leo Maar (2003) “a semiformação seria a forma social da subjetividade, determinada nos termos do capital. É meio para o capital e, simultaneamente, como expressão de uma contradição, sujeito gerador e transformador do capital”. A semiformação é um impedimento para a formação do indivíduo, pois adapta à realidade cultural vigente e capitalista da indústria cultural.

Em sua obra “Teoria da Semiformação”, Adorno analisa a crise da formação cultural decorrente das mudanças sociais:

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede a formação cultural, mas a sucede. (ADORNO, 2010)

Desse modo, a semiformação, cria, no indivíduo, uma falsa sensação de sabedoria, encobrendo a realidade de superficialidade na qual se encontra.

Como avalia Pucci:

A semiformação, ao invés de instigar as pessoas a desenvolverem plenamente suas potencialidades, e assim colaborarem efetivamente na transformação social, propicia um verniz formativo que não dá condições de se ir além da superfície. (PUCCI, 1997)

Adorno (2010), analisando a crise da formação cultural da época, chegou à conclusão de que “a única possibilidade de sobrevivência que restava a formação é a autorreflexão crítica sobre a semiformação em que necessariamente se converteu”. A semiformação é um impeditivo para a formação porque adapta o indivíduo ao sistema capitalista, distanciando-o do saber emancipatório para ajustá-lo a cultura de mercado. Quando a produção simbólica, própria da cultura de um povo, é convertida em mercadoria pela indústria cultural, distancia-se do saber popular, desencadeando, então, o processo semiformação.

Contudo, ao deparar-se com a indústria cultural na educação nos deparamos com os elementos mais engenhosos e críticos que resultam das percepções que evidenciam a realidade cultural, denominada de indústria cultural em que se destaca a informação, a mídia, enfim o conhecimento que deveria ser crítico, mas não o é. Assim, a educação e o processo educativo evidenciam a realidade racional em que permeiam a individualidade e alienação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enxergar a realidade em que se vive e pensa-la criticamente são requisitos para a formação da escola. A educação escolar deve ser contemporânea de seu tempo e formar indivíduos aptos a enfrentar os desafios que o mundo globalizado impõe. Nesse sentido, entender que a educação por meio da teoria crítica poderá apontar caminhos, embora não muito fáceis, como o de mostrar que existe uma consciência livre e transformadora que poderá ascender a prática educativa em sua essência.

Quando pensamos o trabalho de ensinar filosofia para os jovens do ensino médio surgem desafios, e ao abordar os conceitos de estética, indústria cultural, cultura de massa e a influência da televisão e da internet, temos grandes possibilidades, uma delas é de relacionar os conteúdos com as disciplinas de arte e de sociologia.

Na perspectiva pedagógica, relacionar e desenvolver esses conceitos na realidade do ensino médio, de forma significativa para a formação intelectual e estética dos envolvidos, propondo a reflexão filosófica pela via do fazer cinema e por meio dessa linguagem criar uma reflexão sobre o mundo que nos cerca.

Como encaminhamento metodológico, a proposta pedagógica estará dividida nas seguintes etapas:

1ª Etapa – trabalhar os conceitos (estética, indústria cultural e cultura de massa) em trechos de textos filosóficos como “*A Reprodutibilidade técnica da obra de arte*” e a “*Dialética do Esclarecimento*”, para familiarizar o estudante com a discussão filosófica proposta.

2ª Etapa – produção de vídeo em que a discussão será os conceitos filosóficos trabalhados e suas relações e interpretações da possível influência midiática do mundo contemporâneo.

As produções realizadas pelos estudantes é uma maneira de pensar os conceitos filosóficos e artísticos. As produções terão de 1 a 5 minutos tendo como temática a ser explorada a influência midiática na produção cultural contemporânea, chamando o estudante a pensar sua realidade e o como se produz arte e cultura na sociedade contemporânea. Os estudantes precisam perceber que por meio do pensamento estético podem não apenas serem

alienados para o consumo, porém podem tecer críticas e elaborar interpretações a partir dos conteúdos trabalhados.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **O esquema da cultura de massas**. In. RIBEIRO, António Sousa (Org). Sobre a indústria da cultura. Coimbra: Angelus Novus, Lda, 2003.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. in: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CASHMORE, Ellis. **E a televisão se fez!** São Paulo: Summus, 1998.

CHAUÍ, M. **Simulacro e Poder: uma Análise da Mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramos, 2006.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil - Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

IANNI, Otávio. **Enigmas da Modernidade**. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2000. P.140-166.

KANT, I. **Resposta à questão: o que é esclarecimento?**. In: Antologia de textos filosóficos. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2009, p. 406-415.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAAR, Leo. **Adorno, semiformação e educação. Educação e Sociedade**, Campinas. 2003.

MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: editora UNESP, 1999.

PUCCI, B. **A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação**. IN: ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. (orgs). *A educação danificada: contribuições a teoria crítica da educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.